

"Como na Argentina: Os corpos brotam do chão, como na Argentina. Corpo não é reciclável. Corpo não é reduzível. Dá para dissolver os corpos em ácido, mas não haveria ácido que chegasse para os assassinados do século. Valas mais fundas, mais escombros, nada adianta. Sempre sobra um dedo acusando. O corpo é como o nosso passado, não existe mais e não vai embora. Tentaram largar o corpo no meio do mar e não deu certo. O corpo boia. O corpo volta. Tentaram forjar o protocolo – foi suicídio, estava fugindo – e o corpo desmentia tudo. O corpo incomoda. O corpo faz muito silêncio. Consciência não é biodegradável. Memórias não apodrecem. Ficam os dentes."

(Luís Fernando Veríssimo, "Como na Argentina", em *A mãe do Freud*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985, p. 46.)

O texto se refere

- a) ao trauma coletivo das políticas repressivas e crimes de Estado praticados pelos regimes ditatoriais latino-americanos.
- b) à memória dos exilados fugidos dos regimes ditatoriais latino-americanos da segunda metade do século XX.
- c) ao movimento dos Montoneros, em busca de seus filhos e netos desaparecidos no período da ditadura na Argentina.
- d) aos julgamentos em andamento contra o clientelismo do regime peronista praticada na Argentina.

Uma das características dos regimes militares, ou civil-militares, é a institucionalização da tortura como prática de ação do Estado. O texto de Veríssimo narra os efeitos desta prática e o trauma de consciência de torturados e torturadores. Ao dizer que as memórias não apodrecem temos a permanência dos efeitos da tortura nas pessoas. Permanece o trauma coletivo da ditadura.